



# CNM-CUT Internacional

Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT Ano V nº 16 28.04.2005

## 1º de Maio Internacional na Tríplice Fronteira

### Boletim Informativo Número 2

Promovido pela Coordenadora de Centrais Sindicais do Cone Sul – CCSCS

### Local:

Será realizado no Gramadão da Vila A da Itaipu (espaço cultural da Itaipu) em Foz do Iguaçu.

### Temática do 1º de Maio Internacional:

A temática será focada em quatro eixos: integração real do Mercosul, emprego, igualdade de oportunidade entre homens e mulheres e livre circulação dos trabalhadores do Mercosul.

### Programação:

9:00 – recepção das delegações e informações turísticas da região.

12:00 – início do ato com atividades culturais e artísticas, feira da agricultura familiar e de artesanatos e apresentações de músicos e artistas.

Já estão confirmadas as apresentações dos grupos musicais Vientosur (Brasil), Encanto Negro (Uruguai), Tetágua (Paraguai) e do cantor Dante Ramon Ledesma (Argentina).

18:00 – ato central que reunirá lideranças de todas as centrais sindicais que compõem a CCSCS (CUT, Força Sindical e CGT do Brasil, CUT do Paraguai, CUT do Chile, CTA e CGT da Argentina e PIT CNT do Uruguai).

19:00 – 21:00 - show de encerramento com presença confirmada do violonista Renato Teixeira.

### Feira de Agricultura Familiar e Artesanatos:

No espaço do Gramadão haverá uma grande feira de agricultura familiar e também espaço para exposição de artesanatos.

Maiores informações e dúvidas, por favor, entrem em contato com a Secretaria Geral da CCSCS:

Telefone: 11 2108 9130

E-mail: [ccscs@cut.org.br](mailto:ccscs@cut.org.br)

Fonte: [Coordenadora de Centrais Sindicais do Cone Sul](#)

A CUT vai promover a Festa do 1º de Maio em muitos lugares no Brasil. Para saber a programação completa baixe o seguinte documento.

### Programação em todos os Estados

<http://www.cut.org.br/doc/primeirodemaio.doc>

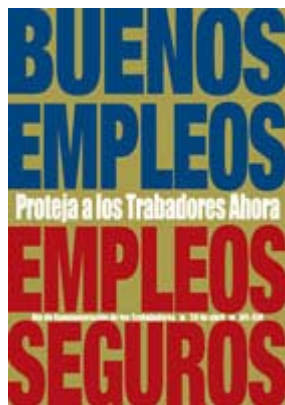


## **Dia Mundial em Memória das Vítimas do Trabalho**

Acidentes e doenças do trabalho registram dados alarmantes e representam um problema social mundial

Por Ana Paula Carrion

Nesta quinta-feira, 28, é o Dia Mundial em Memória das Vítimas de Acidentes e Doenças do Trabalho e contará com atividade na Praça do Patriarca, no centro de São Paulo, a partir das 12 horas.



O número de mortes em acidente de trabalho no Brasil é alarmante. Segundo estatísticas do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), no período de 1970 até 2002, 130.755 trabalhadores morreram em razão de más condições de trabalho.

Para o Instituto Nacional de Saúde do Trabalhador da CUT (INST), a data expõe a necessidade de uma política nacional de saúde e segurança no trabalho. Para se ter uma idéia em 2000, 3.094 acidentes com mortes foram registrados fora os 304.963 acidentes típicos, 19.605 doenças profissionais e 39.300 acidentes de trajeto que totaliza 363.868 acidentes nos mais diversos setores como comercio, metalurgia, construção civil, químicos, petroleiros (empresas terceirizadas) entre outros.

Em todo o mundo esses acidentes representam um grande problema econômico e social pois eles estão entre os fatores de exclusão social, na medida em que causam morte, invalidez parcial ou permanente. Com isso, ocorreram aposentadorias precoces, diminuição ou perda de renda de milhares de trabalhadores que acabam ingressando no mercado informal e nas pensões do governo. Todo esse processo acaba gerando um custo alto para o governo fazendo com que a conta gere em torno de pagamento de benefícios acidentários, aposentadorias especiais e reabilitação profissional.

Segundo dados da Previdência Social em 2003 foram concedidos quase 1,4 milhão de benefícios a título de auxílio-doença e apenas 146 mil auxílios-doença acidentário.

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) e a OMS (Organização Mundial de Saúde), escolheram o dia 28 de abril para levantar bandeiras contra acidentes e doenças geradas pelo trabalho, data que ficou institucionalizada como Dia Mundial das Vítimas de Acidentes e Doenças do Trabalho. (*Agencia CUT Noticias, 28.04.2005*)

## **Trabalhadores ganham concessão de Canal de TV**

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou hoje a concessão de um canal de televisão para a Fundação Sociedade Comunicação Cultura e Trabalho.

Os objetivos da Fundação, que não tem fins lucrativos e foi criada em 10 de setembro de 1991, são: produzir e divulgar, em todo o território nacional, programas de caráter educativo, cultural, informativo e recreativo.

A Fundação, que é dirigida por um conselho composto por 40 membros de diversas categorias profissionais, é presidida por Luiz Marinho, presidente da CUT Nacional. Entre seus membros tem representantes de diversos sindicatos filiados à central, entre eles, Metalúrgicos e Químicos do ABC, Bancários de São Paulo e do ABC, Petroleiros, Professores e Jornalistas de São Paulo.

O Presidente Lula assinou a concessão na abertura do XVI Congresso Continental da CIOSL-ORIT (Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres – Organização Regional Interamericana de Trabalhadores), que reúne representantes das principais centrais sindicais de 29 países das Américas.

No ato, Lula lembrou que era deputado constituinte quando trouxe o deputado federal pelo PT, então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Vicente Paulo da Silva, Vicentinho, para conversar com o Ministro das Comunicações do Governo Sarney, Antônio Carlos Magalhães, para pedir pela primeira vez a concessão. Marize Muniz, Assessoria de Imprensa, Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

## Lula no Congresso da ORIT

Na semana passada realizou-se em Brasília o Congresso da ORIT, a Organização Regional Interamericana de Trabalhadores. O nosso presidente Lula compareceu à abertura do evento e discorreu sobre sua condição de metalúrgico e falou da concessão do canal de televisão para os trabalhadores no ABC paulista.

O Congresso elegeu nova diretoria. Para a presidência foi reeleita Linda Chávez Thompson da AFL-CIO e para a secretária geral foi também reeleito Víctor Báez, do Paraguai. O companheiro da CUT, Rafael Freire, foi escolhido para o cargo de secretário de Política Econômica e Social. Os demais cargos da executiva foram preenchidos por Amanda Villatoro, secretária de Política Sindical e Educação e Angel Zerpa, secretário de Administração e Finanças. O companheiro metalúrgico do USWA, Gerry Fernandez também entrou para a direção da ORIT.

Transcrevemos abaixo matéria do boletim eletrônico ORIT Info, sobre a participação de Lula no Congresso.

“Estou presidente, mas sou mesmo é dirigente sindical”, disse o ocupante do maior cargo eletivo na República do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura do XVI Congresso Continental da CIOSL/ORIT.

Como presidente, ele aproveitou a ocasião para assinar o decreto de concessão a um canal de televisão que abrangerá a região do ABC paulista e cujo conselho diretor será formado por sindicalistas – o primeiro do tipo, no país. Mas foi como sindicalista que discursou, e foi por sua trajetória de 35 anos como líder sindical – que culminou na eleição à presidência do maior país da América Latina – que Lula foi aplaudido de pé em três ocasiões pelos representantes de centrais sindicais de todo o continente e convidados de toda a parte do mundo presentes à inauguração do evento.

O presidente lembrou que a luta por uma tevê sindical no Brasil remonta a 1986, quando ele exercia mandato de deputado federal e, com o presidente da CUT brasileira na época, Vicente Paulo da Silva, pediu a concessão ao então ministro das comunicações, Antônio Carlos Magalhães. A menção ao passado introduziu a defesa de Lula de sua atuação como presidente em relação à presente cobrança dos movimentos sindicais.

“Nunca antes na história da humanidade o movimento sindical teve tanta representação quanto tem no meu governo. São nove ministros e vários companheiros em posições importantes, como, por exemplo, a presidência da Petrobrás”, afirmou. Ele sustentou que essa composição permite que se quebrem tabus e preconceitos contra a capacidade de os sindicalistas exercerem cargos de governo. Ainda se desvencilhando das pressões, o presidente reconheceu que a expectativa que se criou em torno de seu governo foi alta, mas que a realidade impede que se execute as mudanças desejadas em pouco tempo.

Lula também defendeu os projetos de reformas sindical e trabalhista em trâmite no Congresso brasileiro, rebatendo as acusações de que o Estado brasileiro os tenha imposto.

“Se não é perfeito, é porque nós não somos perfeitos. O projeto de reforma sindical não é uma tentativa do governo de reformar a estrutura sindicalista no país, mas um conjunto de mudanças sugerido por empresários e sindicalistas”, reforçou.

Quanto à reforma trabalhista, disse não se tratar de tirar direitos dos trabalhadores, mas de adaptar o trabalho à realidade contemporânea.

O presidente disse que o papel dos sindicalistas mudou desde a década de 70, quando atuou à frente do sindicato dos metalúrgicos do ABC e da CUT. Ele considera que o grande desafio dos sindicatos no século XXI é, além de protestar, propor novas idéias.

“Se for só para reclamar do governo três vezes por ano, não precisa de sindicato: as pessoas fazem isso em casa”, brincou.

Sobre as possibilidades de integração regional, o presidente foi taxativo: “faz dois anos que aqui não se fala de ALCA porque nós tiramos o ALCA da pauta”. A prioridade é fortalecer os laços dentro do continente sul-americano, primeiro, e da América Latina, depois. Lula pediu que rivalidades sejam postas de lado no terreno da política para facilitar os entendimentos locais.

Ressaltou, no entanto, que não se pode “brigar” com os EUA e os países da União Européia – parceiros comerciais essenciais, de acordo com o presidente.

Por fim, referindo-se tanto aos movimentos sindicais quanto à sua própria gestão, disse que as pessoas são medidas pelo que fazem, pelos símbolos que criam. E desabafou: “quero ter o direito, quando deixar a presidência da República, de continuar me considerando companheiro de vocês”.  
(ORIT Info nº 05, maio de 2005)

## IBGE mostra que salários continuam em baixa

Parcela significativa dos trabalhadores brasileiros ganha abaixo da remuneração mínima fixada pela legislação. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 16,7% dos 19,6 milhões de ocupados nas 6 principais regiões metropolitanas do País, ou 3,3 milhões de pessoas, ganhavam menos de um salário mínimo em março.

As estatísticas mostram também que o percentual dos trabalhadores das maiores cidades brasileiras que ganham menos do que o mínimo vem crescendo nos últimos anos. Em março de 2002, esse percentual atingia 11,1%; no ano seguinte, pulou para 14,4%; e em março do ano passado, chegou a 16,2%.

Por outro lado, a parcela dos que ganham mais de 10 salários mínimos e ocupam o topo da pirâmide de distribuição de renda entre os ocupados caiu de março de 2002 (8,4%) para 2003 (6,3%), mas permaneceu praticamente inalterada em 2004 (6,5%) e 2005 (6,1%).

O coordenador da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, Cimar Azeredo Pereira, disse que a tendência é de que o percentual dos que recebem menos de um salário aumente a cada reajuste do mínimo. O argumento é de que na economia real os reajustes salariais não ocorrem na mesma proporção do mínimo ou na mesma velocidade e, portanto, quando a referência do salário é elevada, imediatamente novos ocupados passam a figurar abaixo desse limite.

Os números divulgados por Pereira apontam também que 64% do total de ocupados, ou seja, 12,5 milhões de pessoas, ganhavam até três salários mínimos em março, ou menos de R\$ 780. O valor é bem menor do que o rendimento médio real apurado nas seis regiões pesquisadas pelo IBGE em março, de R\$ 945,20, o que mostra que uma parcela pequena dos trabalhadores tem puxado a renda para cima.

O analista de mercado de trabalho do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Marcelo de Ávila, disse que o número elevado de ocupados que ganham menos de um salário mínimo pode estar relacionado à elevada informalidade que ainda persiste no mercado de trabalho e também àqueles trabalhadores que contribuem para a renda da família, mas não são os chefes do lar.

### Instrução

Os dados do IBGE mostram também que, no que diz respeito ao grau de instrução dos ocupados nas seis regiões, 50,2% têm 11 anos ou mais de estudo, ou pelo menos o segundo grau completo. A renda média dessa fatia é de R\$ 1.382, ou 5,3 salários mínimos. Pereira explica que os dados não são incompatíveis com os dados de sub-remuneração divulgados porque esse rendimento mediano está sendo puxado pela parcela dos que ganham mais de 10 salários, que representam uma fatia insignificante do número absoluto de trabalhadores. (Tribuna da Imprensa, 28.05.2005)

Na Alemanha está em debate a implantação de um salário mínimo. Segundo a agência Deutsch Welle um estudo da empresa de consultoria de recursos humanos Mercer mostrou que a Alemanha ocupa a terceira posição no ranking dos maiores custos da força de trabalho da Europa. Com uma média de 50,4 mil euros por empregado por ano, a Alemanha só fica atrás da Bélgica (53,6 mil) e da Suécia (52,8 mil).

Existem grandes diferenças entre os salários europeus. Compare abaixo os salários mínimos nos diversos países da UE. Veja as diferenças entre os salários dos novos integrantes do bloco vindos do Leste Europeu com os antigos. Para comparara com o salário mínimo brasileiro um Euro vale cerca de R\$ 3,40 !

### Veja a lista dos salário mínimos mensais de diversos países (em euros):

Luxemburgo	1369	Portugal	416
Holanda	1249	Hungria	212
Bélgica	1163	Polônia	201
França	1154	República Tcheca	199
Reino Unido	1105	Estônia	138
Irlanda	1073	Lituânia	125
Estados Unidos	877	Eslováquia	118
Grécia	605	Letônia	116
Malta	535	Turquia	89
Espanha	526	Romênia	73
Eslovênia	451	Bulgária	56

(Quelle: Eurostat, dados de janeiro de 2003)

## GM perde US\$ 1,1 bilhão em três meses

Competição e gastos maiores com planos de saúde levam a General Motors a ter o maior prejuízo desde 1992

Maior montadora do mundo, a fabricante americana de automóveis General Motors (GM) anunciou ontem prejuízo de US\$ 1,1 bilhão (R\$ 2,84 bilhões) no primeiro trimestre de 2005. Foi a maior perda desde 1992. Na época, quando mudanças nos procedimentos contábeis exigiram que as companhias passassem a incluir custos com planos de saúde nos resultados financeiros, o prejuízo ficou em US\$ 21 bilhões.

Um dos motivos para o desempenho ruim é o aumento nos custos com seguro-saúde dos funcionários. Também contribuíram a queda de 4% nas vendas nos Estados Unidos e a elevação dos preços de matérias-primas. Em comunicado à imprensa, a companhia ainda listou custos envolvidos com a reestruturação das operações na Europa e despesas trabalhistas relacionadas com a diminuição de seu quadro de executivos.

No mesmo trimestre do ano passado, a General Motors havia registrado lucro de US\$ 1,3 bilhão (R\$ 3,36 bilhões), em consequência de bons resultados em seu braço financeiro e em suas operações na Ásia.

- Enquanto a maior parte de nossas divisões superou as expectativas, os resultados da General Motors na América do Norte foram claramente decepcionantes - comentou o presidente mundial da companhia, Rick Wagoner, que já foi presidente da unidade brasileira.

Segundo Wagoner, para resolver os problemas a GM fará uma campanha agressiva de lançamento de produtos, além de tomar iniciativas de marketing e de redução de custos. A fatia de mercado da GM na América do Norte caiu de 26,3% para 25,2% em 12 meses. Enquanto isso, tradicionais rivais asiáticas, como Toyota, Nissan e Hyundai, cresceram na região.

As receitas caíram 4,3% no primeiro trimestre, para US\$ 45,8 bilhões (R\$ 118,4 bilhões). Em igual período do ano passado, o faturamento foi de US\$ 47,8 bilhões (R\$ 123,5 bilhões).

Na América Latina, na África e no Oriente Médio, no entanto, a empresa teve o quinto trimestre de lucro e registrou ganho de US\$ 46 milhões no primeiro trimestre deste ano, ante US\$ 1 milhão no mesmo período de 2004. Ao mesmo tempo, a participação de mercado encolheu de 16,2% para 16%.

- Essa divisão teve o quinto trimestre seguido de lucro, e em diversos países registramos recorde de vendas e de participação de mercado. Estamos particularmente felizes com nossa performance na Argentina, na Venezuela e na África do Sul, onde tivemos ganhos de dois dígitos - disse Wagoner.

O prejuízo da companhia no primeiro trimestre já era esperado pelos investidores. Recentemente, a companhia havia avisado que os resultados ficariam abaixo do inicialmente projetado. As ações da GM ficaram em terceiro no ranking dos papéis mais negociados na Bolsa de Nova York e fecharam em queda de 0,38%, num dia em que o índice Dow Jones subiu 0,56%. (Zero, 20.04.2005)

### Dificuldades no meio do caminho

#### Competição acirrada

- As vendas de produtos da General Motors em seu principal mercado, os Estados Unidos, tiveram fraco desempenho. Seus principais concorrentes são as asiáticas Toyota e Honda. A meta é apresentar novos veículos no mercado.

#### Gastos crescentes

- Os custos de seguro-saúde aumentaram. O presidente mundial da GM, Rick Wagoner, já avisou que terá de esses gastos. No ano passado, foram US\$ 5,2 bilhões para cobrir as despesas de saúde de 1,1 mil funcionários, aposentados e familiares.

#### Acordo ruim

- A companhia terá de desembolsar US\$ 2 bilhões este ano em razão do fim do acordo de fusão na área de automóveis com a Fiat. No dia 15 de maio, terá de desembolsar a parcela de 550 milhões de euros (pela cotação de ontem, US\$ 719,37 milhões).



## Fiat reduz em 25% previsão de exportação

A Fiat decidiu que reduzir o volume de exportações previsto para este ano em cerca de 25% como consequência da valorização do real. Segundo o presidente da Fiat do Brasil, Cledorvino Belini, a filial brasileira deverá perder contratos para as fábricas da companhia italiana instaladas em outros países.

A montadora começou o ano com um planejamento de exportações que indicava o embarque de 120 mil veículos em 2005. Esse volume representaria um crescimento de 50% na comparação com os volume de 2004, quando foram exportados 80 mil carros.

"Tivemos de refazer todos os cálculos", afirma Belini. "As novas projeções indicam que não conseguiremos nada mais do que algo entre 90 mil; 100 mil no máximo", complementa o executivo. "Além do impacto dos custos, como o aço, o câmbio despencou", justifica Belini.

A Fiat é a segunda montadora a sinalizar com a revisão dos volumes de exportação por conta do câmbio. Há menos de uma semana, o presidente da General Motors do Brasil, Ray Young, ameaçou diminuir os volumes de exportação se nos próximos três meses o dólar não valorizar-se. Segundo disse, a empresa só tem fôlego de mais três meses com o câmbio nos níveis de hoje.

No caso da Fiat, segundo explica Belini, parte da própria matriz, na Itália, a decisão de trocar as fábricas que abastecem determinados mercados. Dessa forma, as subsidiárias de países como Polônia e Turquia se sobressaem na concorrência com o Brasil nos tempos de real mais forte.

"Como hoje a moeda brasileira está mais forte, a matriz acaba decidindo transferir os novos contratos de exportação para fábricas de outros países", explica Belini, no cargo desde janeiro deste ano.

O mais irônico nesse processo de transferência de contratos é que grande parte das linhas de produção das fábricas desses outros países é abastecida com peças brasileiras. Já faz algum tempo que a fábrica da Fiat em Betim (MG) envia para esses países diversas partes dos carros da linha Palio, cuja produção partiu também do Brasil.

Segundo o executivo, a filial brasileira consegue até manter os contratos em andamento. "Mas a gente começa a perder mercado quando iniciam-se as negociações de novos contratos", afirma.

Mas não são apenas esses países que preocupam o presidente da Fiat. O executivo aponta, também, o crescimento da produção de veículos na China. "Aos poucos, a China está se transformando em um grande produtor de automóveis e tende a invadir o mundo", destaca.

Belini prevê, ainda, que esse quadro pode piorar ainda mais se for aprovada a proposta de reforma fiscal que prevê a criação de um fundo para compensação de ICMS a ser recolhido na exportação. "O risco é de a exportação despencar com mais esse acréscimo de custos", afirma o executivo.

Com a redução das encomendas da Europa, em meados da década de 90, a filial brasileira da Fiat perdeu a sua vocação de montadora exportadora, que havia sido a sua marca registrada ao longo dos anos 80.

Em 2003, no entanto, a empresa começou a retomar as vendas ao exterior, com foco, sobretudo, nos mercados da América Latina. Um total de 40 mil veículos foram embarcados em 2003 e o dobro no ano seguinte, o que lhe rendeu receita de US\$ 478 milhões.

A redução da projeção de exportação neste ano vai, conseqüentemente, diminuir os volumes de produção em Betim, onde são fabricadas todas as linhas de produtos da marca. Segundo Belini, o quadro atual indica a desaceleração da produção a partir do segundo semestre.

A Fiat produziu 437 mil veículos no Brasil no ano passado, 22% mais do que em 2003. Belini diz que inicialmente já contava com crescimento neste ano somente por conta da exportação.

É possível que a empresa possa compensar a diferença no mercado interno. No primeiro trimestre, as vendas da Fiat no Brasil aumentaram 16% ante um aumento de mercado de 5%. (Marli Olmos de São Paulo) (*Valor*, 29.04.2005)

## Real ameaça desempenho da GM no país

O presidente da General Motors do Brasil, Ray Young, diz que a empresa dispõe de fôlego de apenas três meses para manter o ritmo de exportações com o câmbio aos níveis de hoje. Depois disso, o volume dos embarques dos carros produzidos no Brasil terá de encolher, o que levará a uma conseqüente queda na produção da montadora no país.

A responsabilidade de Young em não deixar a filial brasileira perder mais dinheiro aumentou depois do anúncio do resultado financeiro mundial da GM, na semana passada, que acusou prejuízo de US\$ 1,1 bilhão no primeiro trimestre, o pior dos últimos 13 anos.

Segundo Young, por causa do câmbio, a operação brasileira não teve participação no lucro de US\$ 46 milhões registrado na região da multinacional que abrange a América do Sul, África e Oriente Médio no primeiro trimestre.

"Estou em pânico; não consigo dormir com esse dólar", lamenta o executivo, um dos talentos do grupo GM, com larga chance de promoções futuras dentro da companhia. As exportações garantem à empresa 35% da receita no Brasil. No ano passado, as vendas externas somaram US\$ 1,3 bilhão.

Embora a GM não divulgue o resultado financeiro no Brasil, Young conta que de janeiro a março a empresa obteve lucro com o mercado interno e prejuízo no externo. "A soma dos dois resultou em prejuízo", diz Young. Faz oito anos que a GM do Brasil não dá lucro e os prejuízos globais anunciados em Detroit são sinal claro de que a companhia tende a ser menos tolerante com as regiões que não dão lucro. "Neste momento é muito importante não perder dinheiro", confirma Young.

É por querer sair do prejuízo que o executivo decidiu reduzir os volumes de venda ao exterior se o câmbio continuar baixo. "Eu gostaria de poder aumentar os preços dos veículos exportados, mas isso não é fácil", afirma.

Segundo ele, o principal problema está no México, maior mercado de exportação da General Motors e de outras montadoras. "No México enfrentamos grande competição dos fabricantes locais porque a relação do peso com o dólar é muito mais favorável que a do real", afirma.

"O câmbio vai decidir se neste ano vamos produzir mais ou menos do que no ano passado", completa. No ano passado, a GM do Brasil produziu 563 mil veículos, recorde histórico e 29,2% acima do total de 2003.

A postura é a mesma em relação ao mercado brasileiro. Apesar de as vendas internas terem dado lucro, o presidente da GM do Brasil já decidiu que também não quer perder dinheiro no mercado doméstico. Dessa forma, enquanto a busca da liderança a qualquer preço foi a tônica da empresa em 2004, neste ano, a rentabilidade ganha mais importância.

Com participação de 23,1% das vendas totais de veículos no Brasil, a GM roubou a liderança da Fiat em 2004. No acumulado deste ano, caiu para a terceira posição. Young diz que espera uma melhora de posição nos próximos meses. Mas sempre com o objetivo da rentabilidade em primeiro lugar.

A direção da GM coloca em dúvida também a continuidade do ritmo de crescimento do mercado interno depois de mais um aumento da taxa básica de juros.

"Espero, ou melhor, desejo que a tendência de crescimento de vendas continue; mas me preocupa a taxa de juros", afirma. Para Young, o crescimento de 5,5% nas vendas de veículos no primeiro trimestre confirma previsões da indústria. "Mas esse resultado não reflete ainda a alta dos juros porque o impacto dos aumentos na taxa básica leva algum tempo no mercado de automóveis", destaca. "Sem contar que já há revisões na expectativa de crescimento do PIB", completa.

Apesar das más notícias na matriz, a GM do Brasil garante que os investimentos em novos produtos estão mantidos. A subsidiária tem dois programas de renovação de produto. Vai aplicar R\$ 650 milhões na criação de um novo Vectra, modelo de luxo médio fabricado em São Caetano do Sul (SP), que será lançado no último trimestre deste ano.

Mas o investimento mais pesado, de US\$ 240 milhões, será utilizado na linha de produção de um novo carro compacto, na fábrica de Gravataí (RS), onde está a linha do Celta. As obras começaram em setembro do ano passado.

O investimento em Gravataí prevê, ainda, uma linha que permitirá a produção de carros em partes desmontadas. Com isso, a empresa poderá atender aos países que preferem importar carros desmontados para agregar o valor da mão-de-obra local.

"Não podemos interromper o ciclo de investimentos", diz Young. "Precisamos de produtos competitivos para continuar crescendo e fazer dinheiro", completa. (Marli Olmos de São Paulo) (*Valor*, 25.04.2005)

## EUA mantêm barreira ao aço

Para siderúrgicas brasileiras, não existem fundamentos que justifiquem protecionismo

A Comissão de Comércio Internacional dos Estados Unidos decidiu manter por mais cinco anos as tarifas sobre aço importado, adotadas em 1999. A decisão foi tomada depois de o Departamento do Comércio (ITC, na sigla em inglês) concluir que a suspensão das tarifas elevaria as importações de aço laminado a quente do Brasil, Japão e Rússia.

Assim, serão mantidas as sobretaxas anti-dumping, de 41,27% a 43,40%, e de direitos compensatórios, de 6,35% a 9,67%, contra laminados planos a quente do Brasil. As tarifas foram adotadas há cinco anos, depois de ITC verificar que Brasil, Japão e Rússia haviam vendido 7 milhões de toneladas de aço nos EUA em 1998.

A notícia desagradou as siderúrgicas brasileiras. Segundo o Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS), antes das medidas, o Brasil exportou aos EUA 400 mil toneladas de aços laminados, correspondendo a cerca de US\$ 112 milhões. Após as tarifas, a participação brasileira foi praticamente eliminada.

O IBS divulgou nota em que considera ""que não existem fundamentos para prorrogação de uma medida protecionista adotada em condições de mercado completamente diferentes das atuais"". Para o instituto, a recuperação da demanda e dos preços do aço nos EUA torna injustificáveis as tarifas. ""O único objetivo é bloquear o acesso ao mercado americano de produtores externos mais competitivos"", diz a nota.

A Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq) informou que encaminhou parecer técnico ao Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), à Secretaria de Direito Econômico e à Secretaria de Acompanhamento Econômico sobre indícios de infração à ordem econômica na operação pela Vale do Rio Doce dos terminais do Porto de Sepetiba. Segundo a agência, a Vale deve estabelecer cotas mínimas para que outras mineradoras possam usar os terminais e exportar sua produção.

- A Vale está querendo também operar um terminal de grãos, mas isso só pode acontecer depois de resolvido o problema com o minério - disse o diretor-presidente da Antaq, Carlos Alberto Wanderley Nóbrega. (Daniele Carvalho, com agências) (*Jornal do Brasil*, 15.04.2005)

## CSN é única beneficiada com sobretaxas nos EUA

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) foi a única usina brasileira a receber parecer positivo do International Trade Commission (ITC), dos Estados Unidos, para a comercialização de bobinas a quente (BQs). Depois de uma revisão, o órgão anunciou na quinta-feira que manterá a sobretaxa de 53%, por pelo menos mais cinco anos, para as importações do produto do Brasil. Apesar de preliminar, o parecer é favorável ao envio de bobinas a quente para a CSN LLC (baseada nos EUA) isento de sobretaxa.

De acordo com análise divulgada ontem pela corretora BES Securities, a decisão final quanto ao pedido de isenção da sobretaxa no envio das bobinas à subsidiária da CSN nos Estados Unidos será divulgada em setembro próximo. "Para a CSN, a liberação da sobretaxa seria bastante interessante na medida em que elevaria a rentabilidade da CSN LLC, ativo de laminação e galvanização, o qual é suprido com placas enviadas pela CSN e laminadas através de contrato de tooling no próprio mercado americano", diz a analista Elaine de La Rocque.

No documento, ela ressalta que a Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST) também possui processo paralelo de solicitação de isenção da tarifa antidumping, que prevalece à decisão do ITC. "A empresa vem pleiteando a abertura do mercado americano para suas bobinas a quente, mercado no qual tem presença relevante com as exportações de placas, com o argumento de que em 1999, quando foram impostas as sobretaxas, a siderúrgica ainda não produzia bobinas", explica.

Segundo a corretora, a CST deverá receber no início do segundo semestre de 2005 visita de autoridades de comércio americanas com o objetivo de coletar dados para subsidiar a decisão a respeito da eliminação da tarifa. (*Tribuna da Imprensa*, 16.04.2005)

**CNM-Internacional** é um informativo da Secretaria de Relações Internacionais da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – **CNM-CUT**, editado pela Consultoria Econômica e Social Integrada  
Secretário Geral da **CNM** : Fernando Lopes  
Jornalista Responsável : Antonio Carlos Castro (MTb 36.741/SP)  
[internacional@cnmcut.org](mailto:internacional@cnmcut.org) <http://www.cnmcut.org.br>